

PARA



LOBO

H A N N A H W H I T T E N

P A R A
Φ
L O B O

Wilderwood, volume I

TRADUÇÃO
Helen Pandolfi
Natalie Gerhardt



AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL: ESTE LIVRO CONTÉM CENAS
DE MAGIA COM DESCRIÇÕES DE AUTOMUTILAÇÃO.

Copyright © 2021 by Hannah Whitten
Publicado mediante acordo com Orbit, Nova York, Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
For the Wolf

Capa
Lisa Marie Pompilio

Ilustrações de capa
Arcangel
Shutterstock

Ilustrações de miolo
Shutterstock

Preparação
Jana Bianchi

Revisão
Bonie Santos
Thiago Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Whitten, Hannah
Para o Lobo / Hannah Whitten ; tradução Helen
Pandolfi, Natalie Gerhardt. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Suma, 2022. — (The Wilderwood Book)

Título original: For the Wolf.
ISBN 978-85-5651-150-8

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

22-109817

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/editorasuma

**Parada, Red observava e esperava
enquanto o medo incendiava seu peito.**

O sangue tocou o tronco branco e ali parou. Então a árvore o *absorveu*, engolindo-o como solo árido sorvendo água.

Tropeçando em amontoados de folhas, Red recuou, tomando distância da árvore até colidir com outra, esta também afilada e esbranquiçada, também coberta por fungos escuros. O saiote do vestido se enroscou nos arbustos mais baixos e Red rasgou o tecido para se libertar, o ruído soando sobrenaturalmente alto na floresta silenciosa.

Aquele som outra vez, reverberando do chão da mata enquanto folhas se agitavam e trepadeiras se esticavam e gravetos estalavam e se fundiam em algo parecido com uma voz — algo que ela não podia ouvir, mas que podia *sentir*. Movia-se com violência vindo de seu peito, proveniente do fragmento de magia que ela mantinha sufocado sob extraordinário esforço.

Finalmente.

Houve apenas uma por tempo demais.

*Para aqueles que reprimem a raiva tão fundo que ela é incapaz de sair,
para os que se sentem afiados demais para tocar em algo delicado,
para aqueles que estão cansados de carregar mundos nas costas.*

*Você corre como uma manada de veados reluzentes,
e eu sou escuridão e sou floresta.*

Rainer Maria Rilke

Para escapar da sentença dos Reis, eles fugiram para as longínquas regiões de Wilderwood. Juraram que, se a floresta lhes oferecesse abrigo, a ela dariam tudo o que tinham enquanto suas linhagens continuassem, que a deixariam crescer dentro de seus ossos e lhe ofereceriam socorro. Foi um juramento de sangue dado de bom grado, símbolo de sacrifício e conexão.

Wilderwood aceitou o pacto, e eles permaneceram dentro de seus limites a fim de defendê-la e protegê-la das coisas que sob ela existiam. E toda Segunda Filha e todo Lobo que viessem depois deveriam aderir ao pacto e ao chamado e à Marca.

Na árvore onde fizeram o juramento, as palavras apareceram, e guardei a casca onde está escrito:

A Primeira Filha é para o Trono.

A Segunda Filha é para o Lobo.

E os Lobos são para Wilderwood.

Tiernan Niryea Andraline, da Casa Andraline,
Primeira Filha de Valleyda, Ano Um do Pacto



1

Duas noites antes de ser mandada para o Lobo, Red usava um vestido cor de sangue.

Ele tingia o rosto de Neve de escarlate enquanto ela, atrás de Red, arrumava a roupa da irmã gêmea. O sorriso que ela exibia era tênue e hesitante.

— Você está linda, Red.

Red machucara os lábios de tanto os morder. Quando tentou retribuir o sorriso, sua pele se repuxou. Ela sentiu um forte gosto metálico na língua.

Neve não notou o sangue. Estava de branco, como todos os outros estariam naquela noite, e uma faixa prateada no cabelo preto a identificava como a Primeira Filha. Um misto de emoções cruzou seu semblante claro enquanto ela se ocupava com as dobras do vestido de Red — apreensão, raiva, tristeza profunda. Red conseguiu perceber cada uma delas. Sempre percebia, quando se tratava de Neve. Ela fora um enigma fácil desde o útero que haviam dividido.

Por fim, Neve se aquietou com uma expressão apática e plácida que visava não revelar coisa alguma. Apanhou do chão a garrafa de vinho pela metade e a inclinou em direção a Red.

— Melhor terminar logo.

Red bebeu direto da garrafa. Secou a boca com as costas da mão, que ficaram manchadas de vermelho.

— Gostoso? — Neve pegou a garrafa de volta. Sua voz estava alegre mesmo enquanto girava nervosamente o objeto nas mãos. — É meduciano. Foi presente do pai do Raffé para o Templo, um pequeno bônus além do tributo em orações pelos tempos prósperos. Raffé surrupiou o vinho, disse que acha que o tributo por si só é mais do que suficiente para garantir um mar calmo.

Ela riu, cabisbaixa. Um riso abatido e breve.

— Ele disse que se algo pode te ajudar hoje à noite, é isso.

O saiote do vestido de Red ficou todo amarrotado quando ela se jogou em uma das cadeiras próximas à janela, apoiando a cabeça na mão.

— Nem todo o vinho do mundo seria suficiente para isso.

A falsa máscara otimista de Neve vacilou, depois se desfez. Elas ficaram em silêncio.

— Você ainda pode fugir — sussurrou Neve, mal movendo os lábios, sem tirar os olhos da garrafa vazia. — Nós podemos te dar cobertura, eu e Raffé. Hoje, enquanto todos...

— Não posso — disse Red, ríspida e breve, soltando a mão no braço da cadeira. A repetição contínua desgastara toda a cordialidade de sua voz.

— É claro que pode. — Neve apertou a garrafa com mais força. — Você ainda sequer tem a Marca, e seu aniversário é depois de amanhã.

Red levou a mão até a manga escarlate, que escondia uma pele branca e imaculada. Todos os dias, desde que completara dezenove anos, ela inspecionava os braços em busca da Marca. A de Kaldenore aparecera imediatamente depois de seu aniversário, a de Sayetha em seu primeiro semestre com dezenove anos, a de Merra poucos dias antes de completar vinte anos. A de Red ainda estava por aparecer, mas ela era uma Segunda Filha — destinada a Wilderwood, destinada ao Lobo, fadada a cumprir um antigo pacto. Com ou sem Marca, ela partiria em dois dias.

— O problema são as histórias sobre monstros? Por favor, Red, são contos de fadas para assustar crianças, não importa o que a Ordem diga. — A voz de Neve ficou mais tensa, indo de um tom bajulador para outro mais rígido. — É tudo faz de conta. Ninguém os vê há quase duzentos anos. Não apareceram antes de Sayetha. Ou antes de Merra.

— Mas apareceram antes de Kaldenore.

Não havia calor na voz de Red, tampouco frieza. Neutra e inexpressiva. Ela estava muito cansada daquela discussão.

— Sim, há dois malditos séculos uma manada de monstros saiu de Wilderwood e aterrorizou os territórios nortenhos por dez anos, até que Kaldenore surgiu e eles desapareceram. Monstros dos quais não temos nenhum registro histórico real, monstros que pareciam tomar a forma que mais agradasse a pessoa contando a história. — Se o tom de voz de Red era como um outono sereno, o de Neve lembrava um inverno devastador, gelado e cortante. — Mas, ainda que fossem reais, não aconteceu *nada* desde então, Red. Nem sinal de algo vindo da floresta, não atrás de alguma das Segundas Filhas e não atrás de você. — Depois de uma pausa, palavras surgiram de um local profundo que nenhuma das duas tocava. — Se houvesse monstros na floresta, nós os teríamos visto quando...

— Neve. — Red permaneceu imóvel, fitando o borrão de batom de cor sangrenta nos nós dos dedos, mas sua voz rasgou o silêncio do cômodo.

O pedido de silêncio foi ignorado.

— Quando você for até ele, acabou. Ele não vai permitir que volte. Nunca mais vai poder sair da floresta, não vai ser como... não vai ser como da última vez.

— Não quero falar disso. — A neutralidade se perdeu, transformando-se em algo rouco e aflito. — Por favor, Neve.

Por um momento ela pensou que Neve estivesse prestes a ignorá-la outra vez, prestes a arrastar a conversa para além dos limites cuidadosos que Red estabelecera para o assunto. Em vez disso, ela suspirou. Seus olhos brilhavam tanto quanto os cabelos prateados.

— Você poderia ao menos fingir... — murmurou ela, virando-se para a janela. — Poderia ao menos fingir que se importa.

— Eu me importo. — Os dedos de Red se tensionaram sobre os joelhos. — Só não faz diferença.

Ela já havia gritado, protestado, se rebelado. Já fizera tudo aquilo, tudo o que Neve esperava dela agora, antes de completar dezesseis anos. Quatro anos antes, quando tudo mudara, quando compreendera que Wilderwood era o único lugar para ela.

O sentimento crescia dentro dela de novo. Algo desabrochando, algo tomando seus ossos. Algo *crescendo*.

Havia uma samambaia no parapeito da janela, absurdamente verdejante contra a neve que servia como pano de fundo. As folhas se mexiam, gavinhas se esticando com delicadeza em direção ao ombro de Red em um movimento determinado e deliberado demais para ser causado por uma brisa passageira. Sob a manga das vestes, a rede de veias em seu pulso aflorava em um tom esverdeado, fazendo com que elas se destacassem contra a pele pálida como se fossem galhos. Ela sentia gosto de terra na boca.

Não. Red cerrou os punhos até o sangue sumir dos nós dos dedos. Aos poucos, a sensação *de algo crescendo* se esvaiu como uma gavinha interceptada voltando a se encolher em seu esconderijo. O gosto de terra desapareceu da língua, mas mesmo assim ela pegou a garrafa de vinho outra vez e sorveu o que restava no fundo.

— Não tem só a ver com os monstros — disse ela quando o vinho acabou. — Há também a questão de eu ser suficiente para convencer o Lobo a libertar os Reis.

O álcool a deixava ousada, ousada o suficiente para que não tentasse esconder o sarcasmo na voz. Se um dia houvesse um sacrifício valioso o suficiente para apaziguar o Lobo e o fazer libertar os Cinco Reis de onde quer que os tivesse escondido por séculos, não seria ela.

Não que ela acreditasse nisso, de qualquer forma.

— Os Reis não vão voltar — disse Neve, dando voz à descrença que ambas sentiam. — A Ordem enviou três Segundas Filhas para o Lobo e ele não os libertou. Não irá libertá-los agora.

Ela cruzou os braços com firmeza sobre as vestes brancas, olhando pela janela como se seus olhos pudessem abrir um buraco no vidro.

— Não acho que os Reis *possam* voltar.

Red também não achava. Ela acreditava ser provável que seus deuses estivessem mortos. Sua dedicação ao próprio destino na floresta não estava relacionada à convicção de que Reis ou monstros ou qualquer coisa pudessem resultar dela.

— Não importa.

Elas já haviam tido a mesma conversa várias vezes àquela altura. Red flexionou os dedos, agora repletos de veias azuladas, mal vendo a hora de encerrar aquela conversa infinita e repetitiva.

— Vou para Wilderwood, Neve. Está decidido. Apenas... se conforme com isso.

Com os lábios comprimidos em uma linha resoluta, Neve deu um passo adiante, diminuindo a distância entre as duas com um farfalhar de seda contra mármore. Red não levantou o olhar, deixando a cabeça pender de maneira que os cabelos cor de mel caíssem sobre o rosto.

— Red — sussurrou Neve. Red estremeceu diante do tom de voz da irmã, o mesmo que usaria com um animal assustado. — Eu *quis* ir com você. Naquele dia em que fomos a Wilderwood. Não foi sua culpa que...

A porta se abriu com um rangido. Pela primeira vez em muito tempo Red se sentiu feliz em ver a mãe.

O branco e o prateado caíam bem em Neve, mas faziam com que a Rainha Isla parecesse congelada, gélida como a neve do lado de fora da janela. Sobrancelhas escuras encimavam olhos ainda mais escuros, a única característica em comum com as filhas. Nenhum criado a acompanhava quando ela entrou na sala e fechou a porta de madeira atrás de si.

— Neverah.

Ela fez um gesto com a cabeça em direção a Neve antes de voltar os olhos escuros e indecifráveis a Red.

— Redarys.

Nenhuma delas retribuiu a saudação. Por um instante que pareceu horas, as três permaneceram imersas em um silêncio incômodo.

Isla se voltou para Neve.

— Os convidados estão chegando. Vá cumprimentá-los, por favor.

Neve segurou o tecido da saia do vestido, cerrando os punhos. Encarou Isla com um ar circunspecto, os olhos pretos ardentes e abrasadores. Mas brigar seria inútil naquele momento, e todas no cômodo sabiam disso. Enquanto se dirigia à porta, Neve olhou de relance para Red sobre o ombro, um comando no olhar: *Coragem*.

A última coisa que Red sentia quando estava diante da mãe era coragem.

Ela não se deu ao trabalho de se levantar enquanto Isla a examinava, atenta e minuciosa. Os cachos de Red, modelados com cuidado, já estavam se desmanchando, e seu vestido estava amarrotado. Isla se deteve por um instante na mancha vermelha nas costas da mão da filha, mas nem aquilo foi suficiente para provocar uma reação. A ocasião era mais uma prova de sacrifício do que um baile, um evento ao qual dignitários de todo o continente compareciam para ver a mulher fadada ao Lobo. Talvez fosse adequado que ostentasse uma aparência feral.

— Esse tom combina com você — disse a Rainha, apontando com a cabeça para o saiote do vestido de Red. — Vermelho para Redarys.

A observação foi irônica, mas fez com que Red cerrasse os dentes com força suficiente para quase rachá-los. Neve costumava dizer aquilo quando eram jovens, antes de ambas perceberem o que realmente significava. Àquela altura, o vermelho já era a cor favorita de Red, sua marca registrada. Havia uma energia fervorosa no matiz, uma afirmação de quem e do que ela era.

— Não ouvia isso desde que era criança — disse ela.

Os lábios de Isla se crisparam. A menção à infância de Red — ao fato de que ela fora uma criança um dia, *filha de Isla*, e de que ela mandaria a própria prole para a floresta — sempre parecia inquietar a mãe.

Red apontou para o saiote.

— Escarlate para um sacrifício.

Um instante se passou. Isla enfim pigarreou.

— A delegação floriana chegou à tarde, assim como o mensageiro de Karseckan Re. A primeira conselheira meduciana lamenta por não poder comparecer, mas diversos outros conselheiros estarão presentes. Sacerdotisas da Ordem de todo o continente chegaram ao longo do dia e estão se revezando para rezar no santuário. — Todas as palavras foram ditas em tom sereno e afetado, como se ela recitasse uma lista enfadonha. — Os Três Duques de Alpera e seus séquitos devem chegar antes da procissão...

— Ah, que bom — disse Red, fitando as próprias mãos, ainda pálidas como as de um cadáver. — Seria uma pena se perdessem isso.

Os dedos de Isla se moveram em um espasmo. Seu tom de voz, no entanto, permaneceu altivo.

— A Suma Sacerdotisa está otimista — disse ela, olhando para todos os cantos da sala, exceto para a filha. — Por haver um longo intervalo entre você e... e as outras. Ela acredita que o Lobo pode finalmente libertar os Reis.

— Aposto que acredita. Vai ser muito constrangedor para ela quando eu for para a floresta e absolutamente nada acontecer.

— Guarde suas blasfêmias para si — censurou Isla, embora de maneira branda.

Red nunca descobrira como arrancar emoções da mãe. Tentara quando era mais nova — com presentes, com flores. Já mais velha, puxava e derrubava cortinas e arruinava jantares com sua embriaguez, tentando provocar fúria, já que não tivera sucesso em obter algo mais terno. E, mesmo assim, nunca recebera nada além de um suspiro ou revirar de olhos.

Era preciso ser uma pessoa inteira para ser digna de lágrimas. Algo que ela jamais fora para a mãe. Para Isla, Red nunca passara de um bem a ser ostentado.

— *Você acredita que eles vão voltar?* — Uma indagação atrevida que não ousaria fazer se já não estivesse com um pé em Wilderwood. Ainda assim, Red não conseguiu se fazer soar sincera, não conseguiu suavizar as farpas na voz. — *Acha que se o Lobo me considerar *aceitável*, devolverá os Reis?*

O silêncio pairou na sala, mais frio do que o ar do lado de fora. Red não sentia nada parecido com fé, mas desejava a resposta como absolvição. Para a mãe. Para *ela*.

Isla sustentou o olhar da filha por um instante longo, um instante que se arrastou em dimensões inusitadas. O momento durou uma vida e carregava o peso de anos de coisas não ditas. No entanto, ao se manifestar, Isla desviou os olhos.

— *Não vejo como isso pode ser relevante.*

E foi isso.

Red se pôs de pé, afastando a pesada cortina formada por seu cabelo e limpando a mancha vermelha da mão no saiote do vestido.

— *Então, por favor, Sua Majestade, vamos mostrar a todos que o sacrifício está pronto.*

Red raciocinava rápido enquanto caminhava até o salão de baile. Sua presença precisava ser notável — todos os dignatários convidados não estavam ali apenas pela dança e pelo vinho. Estavam ali *para vê-la*, a prova escarlate de que Valleyda estava preparada para enviar a Segunda Filha em sacrifício.

As sacerdotisas da Ordem se revezavam no Santuário, rezando para os tocos das árvores brancas supostamente retiradas de Wilderwood. Para quem vinha de fora do país, aquela era uma peregrinação religiosa, uma chance única na vida de não apenas rezar no famoso Santuário de Valleyda, mas também de testemunhar a oferta de uma Segunda Filha ao Lobo.

Poderiam até estar rezando, mas teriam olhos à espreita ali. Olhos a examinando, verificando se concordavam com a Suma Sacerdotisa de Valleyda. Se também a consideravam *aceitável*.

Uma ou duas canções, umas três ou quatro taças de vinho. Red poderia permanecer o suficiente para que todos pudessem julgar a idoneidade do sacrifício que fariam, e depois iria embora.

Em teoria, estavam bem no início do verão, mas as temperaturas em Valleyda nunca passavam muito de congelantes em qualquer que fosse a estação. Havia lareiras nas paredes do salão, brilhando em laranja e amarelo. Cortesãos flanavam vestidos em um arsenal de diferentes cortes e estilos vindos de reinos de todo o continente, cada centímetro de tecido de um tom branco-lunar. Quando Red adentrou o salão, uma abundância de olhares recaiu sobre ela, uma gota de sangue em meio à nevasca.

Ficou imóvel como um coelho sob o olhar de um predador. Por um instante, todos se entreolharam. Os fiéis ali reunidos e sua oferenda.

Cerrando a mandíbula, Red se curvou em uma reverência vigorosa e teatral.

Houve um breve soluço no ritmo da música. Em seguida, os cortesãos se puseram em movimento de novo, passando por ela sem fazer contato visual.

Pequenas alegrias.

Uma silhueta familiar estava no canto do salão, ao lado de uma profusão de rosas e barris de vinho. Raffé passou a mão pelo cabelo preto, cortado rente à cabeça; os dedos cor de mogno em contraste com o dourado do cálice que tinha em mãos. Naquele momento estava desacompanhado, mas não permaneceria assim por muito tempo. Filho do Conselheiro meduciano e exímio dançarino, Raffé nunca ficava longe das atenções nos bailes.

Red se aproximou, tirou o cálice da mão dele e bebeu o líquido até o fim com eficiência experiente. Raffé curvou os lábios.

— Olá para você também.

— Tem muito mais de onde veio isso. — Ela devolveu o cálice e cruzou os braços, encarando a parede de maneira resoluta, de costas para o aglomerado de pessoas. Olhares fuzilavam sua nuca.

— Isso é bem verdade. — Raffé voltou a encher a taça. — Francamente, me surpreende que você ainda esteja aqui. As pessoas que precisavam ver você com certeza já a viram.

Ela mordeu o lábio.

— *Eu* quero ver alguém — admitiu ela, tanto para si mesma quanto para Raffé.

Ela *não deveria* querer ver Arick. Deveria facilitar a ruptura, deixá-lo ir naturalmente...

Mas, em seu âmago, Red era uma criatura egoísta.

Raffé assentiu em um movimento conciso, demonstrando compreensão com um mero erguer de sobrancelhas. Entregou o cálice cheio para ela antes de servir outro para si.

Ela conhecia Raffé desde os catorze anos — quando o pai dele assumira a posição de Conselheiro, tivera que repassar ao filho seu próspero negócio no ramo de vinhos, e não havia lugar melhor para se aprender sobre rotas comerciais do

que com os tutores de Valleyda. Não havia muita coisa sendo cultivada ali, um país pequeno e frio bem no topo do continente, notável apenas pela fronteira com Wilderwood ao norte e a eventual oferenda de Segundas Filhas. Valleyda dependia quase unicamente das importações para alimentar seu povo e das importações e tributos para manter o Templo, onde as súplicas mais potentes aos Reis poderiam ser feitas.

Todos eles haviam crescido juntos ao longo dos seis anos anteriores — anos percebendo quão diferente Red era dos demais, assimilando o fato de que seu tempo se esgotava depressa. Mas, desde que o conheceu, Raffé nunca a tratara como qualquer coisa que não fosse uma amiga — não uma mártir ou uma efígie a ser queimada.

O rosto de Raffé foi tomado por ternura e Red seguiu o olhar dele, encontrando Neve. Sozinha e com os olhos ligeiramente avermelhados, ela ocupava seu lugar em um tablado alto na extremidade do salão. O lugar de Isla ainda estava vazio. Não havia trono algum para Red.

Red gesticulou com o cálice em direção à irmã gêmea.

— Convide-a para dançar, Raffé.

— Não posso.

A resposta foi imediata e soou abafada de dentro do cálice. Ele sorveu tudo em um único gole.

Red não insistiu.

Um toque em seu ombro fez com que ela se virasse. O jovem lorde às suas costas recuou depressa, de olhos arregalados e amedrontados.

— Hum, minha... minha senhora... Não, princesa...

Ele claramente esperava rispidez; de repente, porém, Red se viu cansada demais para corresponder à expectativa. Era exaustivo sustentar um temperamento tão mordaz.

— Redarys.

— Redarys — repetiu ele, nervoso. Um rubor tomou seu pescoço e subiu até o rosto, deixando as sardas em evidência. — Aceitaria dançar comigo?

Red deu de ombros; o vinho meduciano enevoava seu raciocínio, tornando seus pensamentos indistintamente amigáveis. Não era quem ela esperava ver, mas por que não dançar com alguém corajoso o suficiente para fazer o convite? Ela ainda não estava morta.

O fidalgo a conduziu em uma valsa, mal tocando na curva de sua cintura. Red teria rido se sua garganta não parecesse estar em carne viva. Todos tinham muito medo de tocar algo que pertencia ao Lobo.

— Você deve encontrá-lo na alcova — sussurrou ele, a voz trêmula como se estivesse prestes a falhar. — Foi o que a Primeira Filha disse.

Red despertou do torpor causado pelo vinho e cerrou os olhos, fitando o jovem fidalgo. Seu estômago se revirava, uma mistura de álcool e esperança radiante.

— Encontrar quem?

— O Consorte Eleito — gaguejou o garoto. — Lorde Arick.

Ele estava ali. Ele fora até lá.

A valsa terminou com ela e seu parceiro improvável perto da alcova mencionada, o saiote do vestido de Red quase tocando a cortina decorada.

— Obrigada.

Red fez uma reverência para o jovem, que agora ruborizava da testa à nuca. Ele gaguejou algo incompreensível e partiu com passos ligeiros, parecendo prestes a correr.

Ela parou um momento para aquietar as mãos agitadas. Aquilo havia sido ideia de Neve, e Red conhecia a irmã bem o suficiente para saber quais eram suas intenções. Neve não conseguira convencê-la a fugir e imaginava que talvez Arick tivesse êxito.

Red permitiria que ele tentasse.

Assim que passou pela cortina, sua cintura foi envolvida pelos braços dele antes que o salão de baile estivesse fora de seu campo de visão.

— Red — murmurou ele contra o cabelo da garota. Os lábios do rapaz encontraram os dela, os dedos apertando seus quadris e a puxando para mais perto. — Red, senti sua falta.

A boca de Red estava ocupada demais para responder, embora deixasse claro que compartilhava do sentimento. As responsabilidades de Arick como Consorte Eleito e duque de Floriane o mantinham fora da corte com frequência. Ele só estava ali naquele momento por causa de Neve.

A irmã tinha ficado tão chocada quanto Red quando Arick fora anunciado como o futuro marido de Neve, a fim de cimentar o frágil tratado que tornava Floriane uma província de Valleyda. Ela sabia o que havia entre Arick e Red, mas elas nunca falavam sobre isso, incapazes de encontrar as palavras certas para mais uma pequena tragédia. Arick era uma lâmina que feria em todas as direções, e as feridas deixadas se curavam melhor sozinhas.

Red interrompeu o beijo, apoiando a testa no ombro de Arick. Ele tinha o mesmo cheiro de sempre, menta e tabaco caro. Ela inspirou até o peito doer.

Arick a segurou por um momento, as mãos em seu cabelo.

— Amo você — sussurrou no ouvido de Red.

Ele sempre falava aquilo. Ela nunca correspondia. Já chegara a pensar que assim fazia um favor a ele, mantendo certa distância entre eles para que fosse mais fácil quando completasse vinte anos e tivesse que pagar a dívida com a floresta. Mas não era bem assim. Red nunca dissera aquilo de volta porque não sentia a mesma coisa. De certa forma ela amava Arick, mas não de um jeito recíproco ao amor que ele sentia. Era mais fácil deixar as palavras sem resposta.

Até então, ele não parecera magoado com isso, mas naquela noite ela pôde sentir os músculos tensos sob a bochecha, pôde ouvir os dentes dele rangerem.

— Nem hoje, Red? — Sua voz saiu baixa. Era como se ele já soubesse a resposta.

Ela continuou em silêncio.

Um momento se passou até ele erguer o queixo de Red para examinar seu rosto. Não havia velas na alcova, mas a luz da lua se refletia nos olhos dele, verdes como as plantas no peitoril da janela.

— Você sabe por que estou aqui.

— E você sabe o que vou dizer.

— Neve estava fazendo a pergunta errada — disse ele, com um suspiro levemente exasperado. — Apenas sugerindo que você fugisse, sem pensar no que viria depois. Eu pensei. É *tudo* no que tenho pensado. — Ele parou, segurando o cabelo dela com mais força. — Fuja *comigo*, Red.

Os olhos dela, parcialmente fechados após o beijo, arregalaram-se em um sobressalto. Red se afastou, tão depressa que alguns fios dourados ficaram nos dedos dele.

— O quê?

Arick tomou as mãos dela e a puxou para mais perto outra vez.

— Fuja comigo — repetiu ele, acariciando as costas das mãos da garota com os polegares. — Vamos para o sul, para Karsecka ou Elkyrath, encontrar uma cidade pacata onde ninguém se importe com religião ou com o retorno dos Reis, uma cidade que seja longe demais da floresta para que as pessoas se preocupem com monstros. Posso trabalhar fazendo... fazendo *alguma coisa* e...

— Não podemos fazer isso. — Red se desvencilhou das mãos de Arick. O torpor agradável do vinho estava rapidamente dando lugar a uma dor incômoda. Ela pressionou os dedos contra as têmporas, virando-se de costas para ele. — Você tem deveres a cumprir. Com Floriane, com Neve...

— Nada disso importa. — Ele envolveu a cintura dela com as mãos. — Red, não posso deixar que vá para Wilderwood.

A sensação tomou conta dela outra vez, o despertar em suas veias. A samambaia se agitou no peitoril.

Por um momento ela pensou em contar a ele.

Pensou em contar sobre o fragmento peculiar de magia que Wilderwood deixara nela na noite em que correria com Neve até os limites da floresta. Pensou em contar sobre a destruição que ela causara, sobre o sangue e a violência. Pensou em contar sobre como era um exercício diário reprimi-la, mantê-la sob controle, tomando cuidado para que não voltasse a ferir ninguém.

Mas as palavras não vinham.

Red não estava indo para Wilderwood para trazer deuses de volta. Não estava indo para servir como salvaguarda contra monstros. Aquela era uma teia antiga e esotérica na qual estivera emaranhada desde o nascimento, mas seus motivos para não lutar contra ela nada tinham a ver com compaixão, nada tinham a ver com uma religião na qual ela nunca realmente acreditara.

Ela iria para Wilderwood para proteger *dela mesma* as pessoas que amava.

— As coisas não precisam ser assim. — Arick a segurou pelos ombros. — Podemos ter *uma vida juntos*, Red. Podemos ser *só nós dois*.

— Eu sou a Segunda Filha. Você é o Consorte Eleito. — Red balançou a cabeça. — *Isso é o que nós somos*.

Silêncio.

— Eu poderia obrigar você a ir.

Red cerrou os olhos, desconfiada e confusa em igual medida.

As mãos de Arick escorregaram dos ombros de Red até seus pulsos, onde se fecharam.

— Eu poderia levar você para um lugar onde ele não pudesse te encontrar. — Houve uma pausa carregada de mágoa. — Onde *você não pudesse encontrá-lo*.

Arick a segurava com tanta força que quase a machucava e, em um rompante de fúria que lembrava folhas rodopiando em um ciclone, o fragmento de magia de Red ganhou vida.

A magia galgou seus ossos, desenrolando-se dos vãos entre suas costelas como hera subindo por paredes em ruínas. As folhagens do peitoril se curvaram na direção dela, atraídas por um magnetismo extraordinário, e ela sentiu a pulsação da terra mesmo com camadas de mármore sob seus pés, raízes se movendo como correntezas, *estendendo-se* na direção dela...

Red lutou contra seus poderes e os reprimiu pouco antes de as samambaias roçarem o ombro de Arick, as frondes crescendo em tamanho e volume em segundos. Em vez disso, ela o empurrou para longe com mais força do que pretendia. Arick cambaleou enquanto as samambaias se retraíam e se encolhiam, voltando à forma original.

— Você não pode *me obrigar* a fazer nada, Arick. — As mãos dela tremiam, a voz soando estridente. — Não posso ficar aqui.

— Por quê? — Seu tom era inflamado, furioso e grave.

Red se virou e tocou a borda da cortina brocada com a mão que torcia para não estar tremendo. Não havia nada de errado com sua boca, mas nenhuma palavra pareceu adequada, por isso o silêncio se adensou e preencheu o lugar de sua resposta.

— Tem a ver com o que aconteceu com Neve, não tem? — Era uma acusação, e ele a proferiu como tal. — Quando vocês estiveram em Wilderwood?

O coração de Red parecia prestes a sair pela boca. Ela passou pelas cortinas e as fechou atrás de si, abafando as palavras de Arick e ocultando seu rosto. As vestes da garota farfalhavam sobre o mármore enquanto ela percorria o corredor em direção às portas da varanda que davam para o norte. Friamente, ela se perguntava o que os informantes das sacerdotisas diriam de seu cabelo desgrenhado e dos lábios corados.

Bem. Se queriam um sacrifício intocado, era tarde demais.

O frio castigava em contraste com o calor do salão, mas Red era de Valleyda, e mesmo a pele arrepiada ainda lembrava o verão. Suor secava em seu cabelo, agora irremediavelmente liso, uma vez que os cachos definidos haviam sido desmanchados pelo toque e pelo calor.

Inspirou, expirou, tentou estabilizar os ombros trêmulos, piscou para aliviar a ardência nos olhos. Ela podia contar nos dedos de uma mão o número de pessoas que a amavam, e todas continuavam implorando pela única coisa que ela não podia lhes dar.

O ar noturno congelou as lágrimas em seus cílios antes que caíssem. Ela fora amaldiçoada no instante em que nascera — era uma Segunda Filha, destinada ao Lobo e a Wilderwood, conforme gravado no tronco do Santuário. Ainda assim, a dúvida pairava no ar. Ela se perguntava se a maldição não seria culpa dela mesma pelo que fizera quatro anos antes.

Elas haviam sido tomadas por uma coragem imprudente depois daquele outro baile desastroso, por uma coragem imprudente e muito vinho. Tinham roubado cavalos e cavalgado na direção norte, duas garotas contra um monstro e uma floresta sem fim munidas apenas de pedras e fósforos e um amor inabalável uma pela outra.

Um amor que ardia tão intensamente que fazia parecer que o poder que se enraizara em Red era uma troça deliberada. Wilderwood, provando ser mais forte. Provando que os laços de Red com a floresta e o Lobo que a aguardava sempre seriam mais fortes.

Red engoliu em seco, a garganta apertada. Era uma ironia cruel o fato de que, não fosse por aquela noite e o que ela causara, ela talvez fizesse o que Neve queria. Talvez fugisse.

Virou-se para o norte, cerrando os olhos contra o vento gelado. Em algum lugar além do nevoeiro e das luzes baças da capital estava Wilderwood. O Lobo. A longa espera estava prestes a terminar.

— Estou indo — murmurou ela. — Vocês venceram. Estou indo.

Ela se virou em um esvoaçar de tecidos carmesim e voltou para dentro.



2

O sono foi fragmentário. Quando o nascer do sol invadiu o céu, Red já estava de pé próxima à janela, os dedos entrelaçados enquanto olhava na direção do Santuário.

A vista do quarto dela dava para os jardins internos, um espaço repleto de árvores e flores cultivadas com esmero, cuidadosamente selecionadas para resistir ao frio. O Santuário ficava escondido nos fundos, mal era visível debaixo de um frondoso arvoredo. O sol nascente iluminava a beira da arcada de pedra e a tingia de um leve tom dourado.

Os membros da Ordem estavam espalhados pelo jardim verde, aglomerados perto das flores, um mar de vestes brancas e devoção. Ali estavam todas as sacerdotisas que tinham Valleyda como lar, além de todas as que tinham viajado até lá vindas de Rylt, do outro lado do mar, de Karsecka, na extremidade norte do continente, e de todos os lugares que ficavam entre os dois pontos. Todos os Templos possuíam um pedaço da árvore branca, uma pequena lasca de Wilderwood para a qual se rezava, mas era uma honra especial fazer a difícil jornada até o Templo de Valleyda, onde havia um verdadeiro bosque delas. Era um privilégio rezar entre os galhos brancos como ossos que constituíam a prisão dos Reis e suplicar pelo seu retorno.

No entanto, naquela manhã, nenhuma das sacerdotisas entrou no Santuário. A única pessoa que tinha permissão para rezar em meio aos galhos brancos naquele dia era Red.

Distraída, Red passou o dedo pela área embaçada que sua respiração deixara no vidro. Suas amas costumavam fazer isso no passado, desenhando histórias nas vidraças. Histórias de como Wilderwood era antes da criação das Terras Sombrias, quando toda a magia existente no mundo estava ali encerrada para aprisionar as criaturas divinas que reinavam em terror.

Antigamente, a floresta fora um lugar de verão interminável, um local de conforto em um mundo movido por violência. As amas contavam que ela fora

capaz até mesmo de conceder dádivas àqueles que deixavam sacrifícios dentro de seus limites — mechas de cabelo, dentes de leite, papéis salpicados com sangue. A magia existia livremente naquele mundo, acessível a todos que aprendessem a utilizá-la.

No entanto, quando os Cinco Reis fizeram um pacto com a floresta para que esta confinasse os deuses monstruosos — para que criasse as Terras Sombrias como uma prisão para eles —, toda a magia se foi, absorvida por Wilderwood para assim realizar a monumental tarefa.

Mas mesmo naquela época a floresta ainda podia barganhar — e barganhou com Ciaran e Gaya, o primeiro Lobo e a primeira Segunda Filha. No Ano Um do Pacto, o mesmo ano em que os monstros foram aprisionados, eles buscaram refúgio em Wilderwood para fugir do pai de Gaya, Valchior, e seu prometido, Solmir — dois dos lendários Cinco Reis. Wilderwood atendeu ao pedido de Gaya e Ciaran, dando a eles um lugar para que se escondessem, um lugar onde poderiam ficar juntos para sempre. Ela os encerrou dentro de suas fronteiras e os transformou em algo sobre-humano.

A história das amas parava ali. Elas não contavam que os Reis tinham voltado a entrar em Wilderwood cinquenta anos depois do Pacto, e que de lá nunca mais tinham saído. Não contavam que Ciaran levava o corpo sem vida de Gaya até a fronteira do bosque um século e meio depois do desaparecimento dos Reis.

Red ainda se lembrava da história. Ela a lera centenas de vezes — tanto em livros vistos como sagrados quanto naqueles considerados de menor importância —, todas as versões que encontrara. Embora alguns detalhes fossem diferentes, a história era a mesma de maneira geral. Ciaran levava Gaya até a fronteira de Wilderwood. Seu corpo, em processo de decomposição, perfurado e atravessado por vinhas e raízes e trepadeiras como se ela tivesse estado emaranhada no próprio cerne da floresta. As palavras dele para aqueles que o viram, alguns aldeões anônimos que de repente acabaram fazendo parte da história religiosa: *Mandem a próxima*.

E assim uma história de amor se transformou em tragédia, assim como o verão interminável se desbotou e se transformou em outono sem vida.

Red afastou a mão quando as bordas da tela embaçada começaram a desaparecer. Os traços deixados por seus dedos pareciam arranhões deixados por uma garra.

Houve uma batida hesitante à porta. Red encostou a testa na janela.

— Só um segundo.

Respirou profundamente o ar gelado e se pôs de pé. Sua camisola ficou grudada ao suor gelado em suas omoplatas e ela puxou o tecido para soltá-lo. De maneira quase inconsciente, seus olhos pousaram sobre a pele na região acima do

cotovelo. Ainda sem Marca, e ela precisava se esforçar para impedir a esperança de cravar garras em seu peito.

Não havia relato algum sobre a aparência das Marcas, apenas diziam que elas surgiam no braço da Segunda Filha em algum momento aos dezenove anos, exercendo uma atração implacável em direção ao norte, em direção a Wilderwood. Depois de seu último aniversário, ela passara a inspecionar cuidadosamente a pele toda manhã, examinando cada pinta e cada sarda.

Outra batida. Red encarou a porta fechada como se a força de sua ira pudesse transpassar a madeira.

— A menos que queiram que eu reze nua, terão que *esperar um segundo*.

As batidas cessaram.

Um roupão amarrotado estava embolado a seus pés. Red o puxou e o vestiu, depois abriu a porta sem se dar ao trabalho de pentear os cabelos.

Três sacerdotisas esperavam em silêncio no corredor. Todas eram um tanto familiares, então talvez fossem do Templo de Valleyda e não visitantes. Talvez a intenção fosse que isso servisse de consolo.

Se sua aparência desgrenhada surpreendeu as sacerdotisas, elas não deixaram transparecer. Apenas inclinaram a cabeça, as mãos escondidas dentro de longas mangas brancas, e a conduziram pelo corredor rumo ao dia claro e gelado.

A multidão sacra nos jardins permanecia imóvel como se fosse feita de pedra, as cabeças baixas, ladeando o caminho adornado com flores que levava até a entrada do Santuário. O coração de Red batia cada vez mais alto na garganta a cada sacerdotisa pela qual passava. Red não olhou para nenhuma delas; manteve o olhar sempre em frente ao cruzar sozinha as sombras sob o arco.

O primeiro aposento do Santuário era simples e quadrado. Perto da porta havia uma pequena mesa repleta de velas para as orações, e no centro da sala se erguia uma estátua de Gaya, alta e imponente. Aos pés da estátua jazia a lasca branca na qual sua sentença fora escrita, o pedaço da árvore onde Gaya e Ciaran tinham feito a primeira barganha. A irmã de Gaya, Tiernan, ajudara-os a escapar e retornara trazendo o tronco consigo como prova de que o compromisso de Gaya com Solmir já não era mais válido.

Red franziu o cenho diante da predecessora. Fora um trabalho delicado, o que fizera Gaya ser venerada e o Lobo blasfemado, um cuidadoso processo de completar uma história desconhecida. Os Cinco Reis haviam desaparecido no território do Lobo, e por isso a culpa caía sobre ele. Ninguém nunca soubera ao certo as razões pelas quais o Lobo teria prendido os Reis — para obter mais poder, talvez. Ou, depois de virar um monstro conforme a floresta à qual estava conectado se tornava tortuosa e obscura, ele apenas estivesse fazendo o que monstros faziam. A Ordem dizia que Gaya fora morta tentando resgatar os Reis de onde quer que Ciaran os

tivesse escondido, mas não havia uma maneira de realmente saber, havia? Tudo o que se sabia era que os Reis tinham desaparecido e que Gaya estava morta.

Velas escarlates e bruxuleantes — *escarlate para um sacrifício; acho que orações também contam* — eram a única fonte de luz, insuficiente para permitir a leitura. Mas Red sabia as palavras de cor.

A Primeira Filha é para o Trono. A Segunda Filha é para o Lobo. E os Lobos são para Wilderwood.

A luz das velas bruxuleava sobre as gravuras nas paredes. Eram cinco figuras à direita, vagamente masculinas — os Cinco Reis. Valchior, Byriand, Malchro-site, Calryes e Solmir. Três na parede do lado esquerdo, gravadas em estilo mais delicado. As Segundas Filhas — Kaldenore, Sayetha, Merra.

Red correu os dedos pelo espaço livre ao lado dos contornos grosseiros de Merra. Um dia, quando já não passasse de ossos na floresta, sua imagem também seria gravada ali.

Uma brisa entrou pela porta de pedra que estava aberta, agitando a cortina leve na parede às costas da estátua de Gaya. O segundo aposento do Santuário. Red estivera ali apenas uma vez além daquela — um ano antes, em seu aniversário de dezenove anos, ajoelhada no chão enquanto as sacerdotisas da Ordem rezavam para que sua Marca aparecesse logo. Ela não via sentido em se demorar em locais de devoção.

Ainda assim, um ano não fora suficiente para esmorecer a lembrança dos galhos brancos ao longo das paredes, partes das árvores de Wilderwood fundidas na pedra para continuarem de pé. Os membros pálidos e sem vida jamais se moviam, mas Red se recordava da estranha sensação de que *se estendiam* na direção dela, como as samambaias e coisas orgânicas faziam quando ela não era capaz de manter seu fragmento de magia reprimido e rigidamente controlado. Ela sentiu gosto de terra na boca durante toda a oração das sacerdotisas.

Nervosa, Red brincava com o tecido amassado da saia. Ela deveria entrar no segundo aposento, deveria aproveitar esse tempo se preparando para adentrar Wilderwood, mas a perspectiva de estar em meio àqueles galhos outra vez fazia seu sangue gelar.

— Red?

Um vulto familiar estava na porta que dava para o jardim, os contornos iluminados pelo brilho da manhã em contraste com a penumbra do Santuário. Neve caminhou depressa até ela, segurando uma vela trêmula recém-acesa.

Um sentimento de confusão desabrochou no peito de Red, embora acompanhado de uma quantidade razoável de alívio.

— Como entrou aqui? — Ela olhou por cima do ombro de Neve. — As sacerdotisas...

— Eu disse a elas que não entraria no segundo aposento. Não ficaram muito contentes, mas me deixaram passar. — Uma lágrima se soltou dos cílios de Neve. Ela a enxugou, irritada. — Red, você não pode fazer isso. Não há razão alguma além de palavras em um pedaço velho de *casca de árvore*.

Red se lembrou de estar cavalgando destemida pela noite, cabelos ao vento, com a irmã ao lado. Ela se lembrou de pedras arremessadas e uma intrepidez que fez o peito arder.

Depois, ela se lembrou de sangue. De violência. Do que se retorcia sob sua pele, uma semente aguardando o momento de germinar.

Aquela era a razão. Não monstros, não palavras em cascas de árvores. A única forma de garantir que a irmã estaria a salvo era a deixando para trás.

Nenhuma palavra servia de consolo. Red puxou a irmã gêmea para perto de si, encaixando a testa de Neve no vão de sua clavícula. Nenhuma das duas chorou, mas o silêncio foi quase pior, interrompido apenas pelo som de respirações entrecortadas.

— Você precisa confiar em mim — murmurou Red com o rosto no cabelo da irmã. — Sei o que estou fazendo. As coisas precisam ser assim.

— Não. — Neve balançou a cabeça, o cabelo preto roçando as bochechas da irmã. — Red, eu sei que... Eu sei que você se culpa pelo que aconteceu naquela noite. Mas você não tinha como saber que estávamos sendo seguidas...

— Não. — Red fechou os olhos. — Por favor, não.

Os ombros de Neve se retesaram sob os braços de Red, mas ela parou de falar. Por fim, afastou-se.

— Você vai *morrer*. Se for para o Lobo, você vai morrer.

— Você não sabe. — Red engoliu em seco, tentando em vão desmanchar o nó na garganta. — Não sabemos o que aconteceu com as outras.

— Sabemos o que aconteceu com Gaya.

Red não tinha resposta para aquilo.

— Você claramente está determinada a ir. — Neve tentou erguer a cabeça, mas seu queixo tremia. — E eu claramente não posso impedir.

Ela deu meia-volta e marchou em direção à porta, passando pelos entalhes dos Cinco Reis e das Segundas Filhas e pelas velas tremeluzentes de orações inúteis. Mais de uma se apagou com os movimentos de Neve.

Entorpecida, Red pegou uma vela e um fósforo da pequena mesa. Precisou praguejar algumas vezes até o pavio se acender, queimando seus dedos. A dor era quase bem-vinda, um fio de sensação atravessando a couraça que ela construía.

Red colocou com força a vela sobre a base da estátua de Gaya. Uma poça de cera se acumulou e escorreu pela borda da casca de árvore gravada.

— Que as sombras te carreguem — sussurrou. Era a única oração que faria ali. — Que as sombras carreguem todos nós.

Horas mais tarde, de banho tomado, perfumada e vestindo vermelho, Red foi oficialmente abençoada como sacrifício para o Lobo em Wilderwood.

Os cortesãos estavam enfileirados ao longo do corredor cavernoso, todos vestidos de preto. Havia mais pessoas aglomeradas do lado de fora, cidadãos da capital misturados aos aldeões vindos de todo lugar pela oportunidade de ver uma Segunda Filha consagrada pela Ordem.

Do ponto de vista de Red, que estava sobre o tablado na frente do salão, o público parecia apenas uma massa disforme, algo feito de membros inertes e olhos atentos.

O tablado era circular e Red estava sentada de pernas cruzadas em um altar de pedra escura bem ao centro, rodeada por sacerdotisas de diferentes Templos de todo o continente, escolhidas a dedo para a situação de honra. Todas usavam as vestes brancas tradicionais com o complemento de um manto, também branco, e um grande capuz que escondia o rosto. Estavam de costas para Red. As sacerdotisas que não tinham sido escolhidas para participar também usavam mantos, e estavam sentadas em uma fileira solene bem em frente ao tablado.

Em contraste, as vestes de Red eram escarlates como as que usara para o baile, mas dessa vez de um modelo solto e sem corte — em qualquer outra circunstância, seria um traje confortável. Seu cabelo estava solto sob um véu igualmente cor de sangue, amplo o suficiente para cobrir o corpo todo e cair pela borda do altar.

Branco para a devoção. Preto para a ausência. Escarlate para o sacrifício.

Na fileira atrás das sacerdotisas, Neve estava sentada entre Arick e Raffé, tensa na beira do assento. O véu de Red fazia com que todos eles parecessem ensanguentados.

A Suma Sacerdotisa de Valleyda, o nível mais alto de autoridade religiosa no continente, estava diretamente na frente de Red. Seu manto era mais longo do que o de todas as outras sacerdotisas e, para Red, quase parecia ser de um tom mais claro de branco. Ela estava de frente para o altar e de costas para a corte; a barra do saiote escorria pela borda do tablado e formava uma poça de tecido branco no chão.

Devoção transbordante. Uma gargalhada alta e estridente ficou presa na garganta de Red; ela reprimiu o riso.

Com os olhos ocultos nas sombras profundas do capuz, a Suma Sacerdotisa se aproximou. Zophia ocupava o cargo desde que Red conseguia se lembrar. O cabelo já não tinha cor alguma, e o rosto era marcado por sinais sugerindo uma idade que só poderia ser descrita como *anciã*. Ela segurava um galho branco nos braços com uma gentileza que se assemelhava à de uma mãe que segura o filho recém-nascido, e o entregou à sacerdotisa ao lado com o mesmo cuidado.

Embora estoicas, a maioria das outras sacerdotisas ao menos exibia algum tipo de emoção — alegria, na maioria dos casos. Sutil, mas ainda presente. Não era possível dizer o mesmo da sacerdotisa que recebera o pedaço de galho. Olhos azuis e impassíveis sob uma madeixa de cabelos cor de fogo fitavam Red com uma expressão parecida com a de alguém que observa um inseto. Seu olhar não esmoreceu quando Zophia estendeu o braço e retirou o véu de Red, dobrando o tecido nas mãos.

O medo do qual Red se blindara a atingiu em cheio quando o véu foi retirado, como se este fosse uma espécie de armadura. Ela agarrou as extremidades do altar com força, as unhas a ponto de se quebrar contra a pedra.

— Honramos seu sacrifício, Segunda Filha — sussurrou Zophia.

Ela se afastou e levantou os braços em direção ao teto. Ao seu redor, a Ordem imitou o gesto em uma onda, começando diante do tablado e se espalhando para trás em um mar de mãos erguidas.

Por um breve e esperançoso momento, Red pensou em fugir, em esquecer o fragmento de magia que vivia em seu peito e tentar salvar a si mesma em vez de todos os outros. Quão longe conseguiria chegar se pulasse do altar, enrolada em véu vermelho? Eles a trariam de volta à força? A nocauteariam? O Lobo se importaria se ela chegasse ferida?

Ela pressionou as unhas contra a pedra outra vez. Uma delas se quebrou.

— Kaldenore, da Casa Andraline — anunciou a Suma Sacerdotisa em direção ao teto, iniciando a litania das Segundas Filhas. — Enviada no Ano Duzentos e Dez do Pacto.

Kaldenore, sem laços sanguíneos, nascida na mesma Casa que Gaya. Ela era criança quando o Lobo levava o corpo de Gaya até os limites da floresta, quando os monstros irromperam de Wilderwood um ano mais tarde — uma tormenta de coisas indistintas, de acordo com testemunhas, vultos sombrios e transmorfos capazes de tomar a forma que bem entendessem. Quando a Marca de Kaldenore apareceu, os monstros já caçavam os aldeões nortenhos havia quase dez anos; segundo relatos, algumas vezes tinham alcançado até mesmo Floriane e Meducia.

Ninguém sabia o que a Marca significava, não inicialmente. Mas, certa noite, Kaldenore foi encontrada sonambulando descalça em direção a Wilderwood, como que em transe.

Depois disso as peças se encaixaram, as palavras na casca da árvore no santuário e o significado da morte de Gaya fizeram sentido. Kaldenore fora enviada a Wilderwood e os monstros tinham desaparecido.

— Sayetha, da Casa Thoriden. Enviada no Ano Duzentos e Quarenta do Pacto.

Mais um nome, mais uma tragédia. A família de Sayetha era nova na governança e acreditava que a oferenda da Segunda Filha se aplicava apenas à linhagem